



cadernos **IHU** idéias

O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter

Achyles Barcelos da Costa

ano 4 - nº 47 - 2006 - 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Diretora adjunta

Hiliana Reis

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU Idéias

Ano 4 – Nº 47 – 2006

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Dárnis Corbellini – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. MS Laurício Neumann – Unisinos

MS Rosa Maria Serra Bavaresco – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profa. MS Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. MS Angélica Massuquetti – Unisinos – Mestre em Economia Rural

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Fernando Jacques Althoff – Unisinos – Doutor em Física e Química da Terra

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Hiliana Reis – Unisinos – Doutora em Comunicação

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – Unisinos – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnica

Rosa Maria Serra Bavaresco

Revisão

Mardilê Friedrich Fabre

Secretaria

Caren Joana Sbabo

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.unisinos.br/ihu

O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA VISÃO DE JOSEPH SCHUMPETER

Achyles Barcelos da Costa

Introdução

As transformações experimentadas pela economia mundial desde a década de 1970 renovaram o interesse por um dos economistas mais brilhantes da profissão: Joseph Alois Schumpeter. A atenção que lhe passou a ser dispensada se deve a que no centro das mudanças então observadas se encontra um conjunto de inovações¹ que têm, desde então, alterado a paisagem industrial e o modo como o homem reproduz sua vida material.

Schumpeter é considerado, *par excellence*, um estudioso do papel da tecnologia na sociedade, ao fazer dessa variável o motor do desenvolvimento econômico. Seguindo a trilha de outros grandes economistas – Adam Smith (1723-1790), David Ricardo (1772-1823), Karl Marx (1818-1883), para citar alguns deles –, Schumpeter procurou compreender os movimentos gerais da economia e o destino de um modo particular de produzir em sociedade: o capitalismo. Mas, ao contrário dos economistas clássicos, Schumpeter não considerava o crescimento da população, o aumento da produção e o acúmulo de recursos como os fatores determinantes do desenvolvimento econômico. Nesse assunto, estava mais próximo de Marx (Tigre, 2005) pelo papel relevante que atribuiu ao progresso técnico na dinâmica capitalista.

Joseph Alois Schumpeter nasceu em Triesch, uma então província austríaca da Morávia, em 8 de fevereiro de 1883, e faleceu em Connecticut, nos Estados Unidos, em 8 de janeiro de 1950. Toda a sua vida escolar transcorreu na Áustria, da alfabetização ao seu doutorado obtido na Faculdade de Direito² da Universidade de Viena em 1906, aos 23 anos de idade. Foi aluno de professores renomados, como Eugen von Böhm-Bawerk (1815-1914) e Friedrich von Wieser (1851-1926), colega de curso de Ludwig von Mises (1881-1973), tendo também participa-

1 Inovações associadas aos desenvolvimentos ocorridos nas áreas da microeletrônica, da biotecnologia e de materiais, que apresentam caráter revolucionário, constituindo-se no que se considera ser a III Revolução Industrial.

2 Naquele tempo, a disciplina de Economia era lecionada no curso de Direito.

do, segundo Haberler (1950), de grupos de estudos com jovens marxistas: Otto Bauer, Rudolf Hilferding e outros.

Profissionalmente, desde cedo, Schumpeter vinculou-se à atividade acadêmica. Em 1909, foi admitido como professor assistente na Universidade de Czernowitz, na Áustria, e em 1911, ingressou como *full professor* (equivalente a professor titular) na Universidade de Graz. A atestar o seu precoce brilhantismo acadêmico está o *honorary doctor's degree* que recebeu da Universidade de Columbia nos Estados Unidos, quando foi professor visitante no ano acadêmico de 1913-14, contando com apenas 30 anos de idade! (Giersch, 1984; Samuelson, 2003)³. De 1932 a 1950, foi professor na Universidade Harvard, nos Estados Unidos.

Embora a maior parte de sua atuação profissional tenha sido exercida na academia, Schumpeter também fez incursões em outras áreas. Trabalhou em um escritório de advocacia italiana no Cairo, foi membro da Comissão para a Socialização do Carvão na Alemanha, em 1918, ministro de Finanças da Áustria por apenas oito meses (março-outubro), em 1919 e presidente de um banco privado – o Bierdermann Bank – que faliu em 1924. De 1925 até sua morte em 1950, Schumpeter dedicou-se inteiramente a atividades ligadas à academia, desempenhando também funções de liderança em instituições da profissão quando foi presidente da Econometry Society (1937-1941), da American Economic Association (1948) e da International Economic Association (1949).

Na qualidade de professor, Schumpeter teve como alunos economistas que se destacaram na profissão: Paul Sweezy, Paul Samuelson, Wolfgang Stolper, H. Stackelberg, James Tobin, Lloyd Metzler, Richard Goodwin, Paolo Sylos-Labini⁴, dentre outros. A produção acadêmica de Schumpeter é extensa, incluindo inúmeros artigos, biografias de economistas famosos e livros. Entre as suas principais obras, destacam-se: *Theory of Economic Development (1911)*⁵; *Business Cycles (1939)*; *Capita-*

3 Esta é a idade referida por Samuelson; Giersch menciona 31 anos.

4 Referido pelo próprio autor em um de seus artigos (Sylos-Labini, 1983-84). Vide também: Tobin, 1991 e Giersch, 1984.

5 É comum também aparecer 1912 como ano de edição da obra. Contudo, Schumpeter indica, em seu prefácio ao livro, que a Teoria do Desenvolvimento Econômico foi concluída no outono de 1911. Em pesquisa sobre o assunto, Becker e Knudsen (2002) mencionam que o próprio Schumpeter, em cartas e nas auto-referências, apontava 1911 como sendo o ano de sua publicação originalmente em alemão. Para os autores o 'mistério' das datas se deve a uma confusão estabelecida na primeira edição na qual aparece um ano diferente em cada uma das duas primeiras páginas do livro: 1911 na primeira e 1912 na segunda; e, igualmente, por constar 1912 no catálogo da editora. Os autores optam, então, por 1911, data considerada por eles como a mais indicada. Em 1926, foi lançada, ainda em alemão, uma edição revista pelo autor em que foi suprimido o capítulo VII, e que não mais apareceu nas edições posteriores, intitulado *A economia como um todo (The Economy as a Whole, Peukert, 2002)*. A edição mais difundida é a traduzida para o inglês em 1934, com prefácio do próprio autor. Com exceção de *Business Cycles*, há edição em português das outras três obras referidas acima.

lism, Socialism and Democracy (1942); e *History of Economic Analysis*, esta publicada postumamente, em 1954.

O texto está organizado como segue. Além desta Introdução, a seção um, a seguir, desenvolve a análise de Schumpeter acerca dos determinantes do desenvolvimento econômico. A segunda expõe as visões de Schumpeter e Marx sobre o destino do capitalismo, e a terceira encerra o texto, comentando o legado de Schumpeter.

1 Os determinantes do desenvolvimento econômico

Esta seção e a seguinte estão centradas em duas das principais obras de Schumpeter: a *Teoria do Desenvolvimento Econômico* (TDE) e *Capitalismo, Socialismo e Democracia* (CSD), complementadas com bibliografia adicional. Na primeira, Schumpeter discute as causas da mudança econômica, enquanto na segunda são analisados o processo e os impactos decorrentes da evolução do capitalismo (Heertje, 1977).

Schumpeter, em sua análise, estabelece, desde o início, as bases sob as quais atua o mecanismo econômico. São elas: a propriedade privada, a divisão do trabalho e a livre concorrência. Na TDE, para se aproximar do movimento da economia capitalista, Schumpeter lança mão de artifício de análise, procedimento esse já presente em outros autores: trata-se do mecanismo do 'fluxo circular'. A idéia de criar uma imagem mental, um tipo de 'protótipo' de sistema econômico a partir do qual vai se aprofundando o conhecimento, foi usada anteriormente por Adam Smith e Karl Marx. Na *Riqueza das Nações*, na parte em que procura identificar os determinantes do valor de troca das mercadorias, Smith menciona uma sociedade imaginária, anterior ao capitalismo, a que ele se referiu como o 'estágio rude e primitivo da sociedade' que precede a acumulação de capital. Marx, por sua vez, em *O Capital*, na explicação do excedente e do processo de acumulação, parte inicialmente de uma 'economia mercantil simples' para, então, introduzir elementos próprios do modo de produzir capitalista.

Na economia do 'fluxo circular', segundo Schumpeter, a vida econômica transcorre monotonamente, em que cada bem produzido encontra o seu mercado, período após período. Isso, contudo, não significa concluir que inexista crescimento econômico. Admitem-se incrementos na produtividade, decorrentes de aperfeiçoamentos no processo de trabalho e de mudanças tecnológicas contínuas na função de produção. Entretanto, essa base tecnológica já é conhecida, incorporada que foi com o tempo na matriz produtiva da economia. Os agentes econômicos apegam-se ao estabelecido, e as adaptações às mudanças ocorrem em ambiente familiar e de trajetória previsível. Nessas circunstâncias, de acordo com Schumpeter, mudanças econômi-

cas substanciais não podem ter origem no fluxo circular, pois a reprodução do sistema está vinculada aos negócios realizados em períodos anteriores.

A questão para Schumpeter é que as inovações transformadoras não podem ser previstas *ex ante*⁶. Contudo, esses tipos de inovações, que são originadas no próprio sistema, quando introduzidas na atividade econômica, produzem mudanças que são qualitativamente diferentes daquelas alterações do dia-a-dia, levando ao rompimento do equilíbrio alcançado no fluxo circular. Assim, a evolução econômica se caracteriza por rupturas e descontinuidades com a situação presente e se devem à introdução de novidades na maneira de o sistema funcionar.

O fato de as mudanças econômicas, que possam alterar os rumos dos acontecimentos, levando a economia a trilhar caminhos nunca antes percorridos, tenham origens externas ao fluxo circular, não implica, por sua vez, que nada se possa dizer teoricamente sobre elas. Isso seria assim caso fizéssemos uma análise estática e de equilíbrio dos fenômenos econômicos, pois nesse tipo de abordagem a preocupação principal é como chegar aos preços e quantidades que igualam oferta e demanda dos bens, uma adaptação dos agentes a dadas alterações em alguma variável do modelo, mas sem modificar os seus parâmetros.

Mas quando a natureza das mudanças é qualitativamente de uma ordem diferente daquelas que são observadas na vida econômica diária, então esses instrumentos de análise são incapazes de captar a natureza do acontecido⁷. Schumpeter adverte que a contribuição de Léon Walras (1834-1910) – a quem tinha em elevada consideração – não seria capaz de dar conta dessas situações e teria vigência apenas no estado estacionário, ou seja, às acomodações do sistema em seu movimento rumo ao equilíbrio. Segundo Haberler (1950), no prefácio à edição japonesa da TDE, Schumpeter menciona uma (e única) conversa que teve com Walras, na qual esse autor lhe disse que a vida econômica seria apenas uma sucessão adaptativa às ocorrências de ordem natural e social que agem sobre ela. Para Schumpeter, entretanto, adaptações, embora possam produzir crescimento, não caracterizam em si o desenvolvimento econômico (TDE, p. 47). Este último é, para ele, um fenômeno qualitativamente diferente. A mesma avaliação de inadequação teórica vale para a análise de equilíbrio parcial de Alfred Marshall (1842-1924)⁸. São esses

6 Por exemplo, não haveria como saber com antecedência que o telefone se desenvolveria em 1876, ou o *chip*, no início da década de 1970.

7 Segundo Tobin (1991), para Schumpeter, a teoria neoclássica, pelo instrumental analítico que emprega, seria irrelevante para explicar o capitalismo

8 Apenas para lembrar, na capa do livro publicado por Marshall em 1890, *Principles of Economics*, consta ainda a seguinte expressão: *Natura non facit saltum*.

tipos de mudanças econômicas, de ordem qualitativamente superior, que caracterizam, portanto, o desenvolvimento econômico. As inovações, diz Stolper (1991), alteram a partir de dentro os parâmetros do sistema o qual, sendo evolucionário, não conhece o equilíbrio. E por ser evolucionário, ele transcorre no tempo e, por isso, sua natureza é histórica (Heertje, 1996). Para dar uma dimensão ao leitor do significado de alterações revolucionárias, como fenômeno totalmente estranho ao que vem ocorrendo no dia-a-dia, Schumpeter faz uma comparação entre a diligência e as ferrovias: “Adicione sucessivamente quantas diligências quiser, com isso nunca terá uma estrada de ferro” (1911, pé de página, p. 47).

Em ambiente em que ocorre variedade e seleção, o enfoque analítico a ser aplicado tem mais analogia com a teoria evolucionária, própria da biologia, do que com a mecânica e o equilíbrio, encontrados na física⁹. Nesse caso, a análise tem de ser dinâmica, em que se privilegia o desequilíbrio e o tempo histórico.

O desenvolvimento dessa idéia leva Schumpeter a procurar estabelecer de onde provêm as inovações, quem as produz e como são inseridas na atividade econômica. Do plano, Schumpeter descarta a hipótese de que elas se originem no âmbito dos desejos e necessidades dos consumidores, embora esses sejam elementos importantes para a adoção e difusão de novas combinações. Todavia, esses atores são passivos em relação à pesquisa e ao desenvolvimento de novos produtos e processos. Apenas os incorporam aos seus hábitos diários.

[A]s inovações no sistema econômico não aparecem, via de regra, de tal maneira que primeiramente as novas necessidades surgem espontaneamente nos consumidores e então o aparato produtivo se modifica sob sua pressão. Não negamos a presença desse nexos. Entretanto, é o produtor que, igualmente, inicia a mudança econômica, e os consumidores são educados por ele, se necessário; são, por assim dizer, ensinados a querer coisas novas, ou coisas que diferem em um aspecto ou outro daquelas que tinham o hábito de usar. Portanto, apesar de ser permissível, e até mesmo necessário, considerar as necessidades dos consumidores como uma força independente e, de fato, fundamental na teoria do fluxo circular, devemos tomar uma atitude diferente quando analisamos a mudança (Schumpeter, 1911, p. 48).

As mudanças se originam, portanto, no lado da produção, na maneira distinta de combinar materiais e forças para produzir

9 Isso não implica transpor linearmente o enfoque da biologia à economia, pois as leis aplicadas aos animais não necessariamente se estendem aos seres humanos e *vice-versa*, dado que o homem pode influir em sua própria história.

as coisas a serem utilizadas na vida diária das pessoas, mas, repita-se, não dizem respeito a aperfeiçoamentos no já conhecido. Trata-se de modos totalmente diferentes de dispor materiais e forças. A esses modos diferentes Schumpeter (1911, p. 48-9) chamou de inovações ou de 'novas combinações', e referem-se a:

1) Introdução de um novo bem – ou seja, um bem com que os consumidores ainda não estejam familiarizados – ou de uma nova qualidade de um bem. 2) Introdução de um novo método de produção, ou seja, um método que ainda não tenha sido testado pela experiência no ramo próprio da indústria de transformação, que, de modo algum, precisa ser baseado numa descoberta cientificamente nova, e pode consistir também em nova maneira de manejar comercialmente uma mercadoria. 3) Abertura de um novo mercado, ou seja, de um mercado em que o ramo particular da indústria de transformação do país em questão não tenha ainda entrado, quer esse mercado tenha existido antes ou não. 4) Conquista de uma nova fonte de matérias-primas ou de bens semimanufaturados, mais uma vez independentemente do fato de que essa fonte já existia ou teve que ser criada. 5) Estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria, como a criação de uma posição de monopólio (por exemplo, pela trustificação) ou a fragmentação de uma posição de monopólio.

Schumpeter deixa explícito que os meios de produção necessários às novas combinações não estão ociosos, à espera para serem empregados na produção de novos bens. Os recursos para viabilizar as novas combinações já estão disponíveis na sociedade, estando empregados em atividades que compõem o fluxo circular. São as novas maneiras de combiná-los, retirando-os dos locais onde se acham empregados e alocando-os em novas atividades, que se vão produzir, então, o que Schumpeter chamou de desenvolvimento econômico.

No que se refere a quem vai tomar a iniciativa dessa mudança, Schumpeter credita a um personagem particular: o empresário. O empresário é uma figura que se distingue na sociedade por ser portador de uma energia e capacidade de realizar coisas novas que não estariam presentes de maneira difundida entre a população. Ele não deve ser visto como o tradicional capitalista que pertence à classe burguesa, embora se junte a ela ao ser bem-sucedido em sua empreitada. Nem pode ser tomado como aquele que assume riscos. Schumpeter comenta não ser fácil tentar discutir a 'psicologia empresarial'. Elenca alguns fatores possíveis de suas motivações, como a ambição social, o esnobismo, a conquista superior e outras, mas não avança em maiores argumentos teóricos para o aparecimento desse personagem na paisagem econômica. O *leitmotiv* de sua ação empreendedora é um tipo de 'ato heróico', apenas quer ver as coisas acontecerem, pela criação em si.

O dinamismo do sistema econômico para Schumpeter depende, assim, do surgimento do empresário como criador de novas combinações. Mais do que isso: é alguém que tem a habilidade para que o novo seja implementado. Após as novas combinações serem adicionadas ao fluxo regular da atividade econômica, o empresário perde esta sua condição, passando, assim, a fazer parte da classe capitalista ou da burguesia. É esse o sentido que Schumpeter atribui ao termo **empresário**.

Contudo, para pôr em prática suas idéias ou *insights*, o empresário precisa ter acesso ao comando de meios de produção. Em outras palavras, o que o empreendedor necessita é de crédito. Nesse campo, Schumpeter vai de encontro à sabedoria convencional da época para a qual era necessária a existência de uma poupança prévia que financiasse novos projetos de investimento. A interpretação de Schumpeter, ao contrário, é de que o empresário precisa é de poder de compra para pôr em movimento os meios de produção para efetivar as novas combinações. E esse poder de compra, diz Schumpeter, pode ser criado *ad hoc*, não precisa ter existido anteriormente. Vale aqui reproduzir as próprias palavras do autor.

*Ainda que a resposta convencional à nossa questão não seja certamente absurda, há no entanto um outro método de obter dinheiro para esse propósito, que chama nossa atenção, porque, diferentemente do referido, não pressupõe a existência de resultados acumulados do desenvolvimento anterior, e por isso pode ser considerado como o único disponível dentro de uma lógica estrita. Esse método de obter dinheiro é a criação de poder de compra pelos bancos (...). É sempre uma questão, não de transformar o poder de compra que já existe em propriedade de alguém, mas **a criação de novo poder de compra a partir do nada** [grifo meu, ABC] – a partir do nada mesmo que o contrato de crédito pelo qual é criado o novo poder de compra seja apoiado em garantias que não sejam elas próprias meio circulante – que se adiciona à circulação existente. E essa é a fonte a partir da qual as novas combinações freqüentemente são financiadas e a partir da qual teriam que ser financiadas sempre, se os resultados do desenvolvimento anterior não existissem de fato em algum momento (Schumpeter, 1911, p. 53).*

A liquidação do financiamento tomado dessa maneira ocorrerá *ex post*, com os lucros provenientes das inovações introduzidas na atividade econômica. É essa, então, a natureza dos lucros; constituem-se em um prêmio que a sociedade paga aos inovadores por lhe proporcionar acesso a novos bens e serviços. Contudo, esses são ganhos passageiros (*windfall gains*), que desaparecem assim que as inovações vão se difundindo na sociedade por meio de novos concorrentes (imitadores) que se

juntam ao mercado, e à medida que as novas combinações passam à condição de atividade normal.

Tendo obtido financiamento para as novas combinações, resta analisar os efeitos que elas produzem no fluxo circular. Ao romper com o estabelecido, as inovações causam desequilíbrios, gerando ondas de desenvolvimento econômico mediante prosperidades e depressões – aumento e queda na produção e no emprego – além de todas as outras repercussões provocadas no ambiente sociocultural.

Os altos e baixos na produção e no emprego – a forma assumida pelo desenvolvimento econômico no capitalismo, segundo Schumpeter – decorrem de dois movimentos. No que se refere aos períodos de expansão, esses se devem à própria difusão das inovações. A introdução no mercado de um novo produto ou processo gera lucros extraordinários, o que atrai uma leva de imitadores que buscam aproveitar as oportunidades abertas pela inovação. Isso se manifestará na construção de novas plantas e na contratação de mão-de-obra e compra de insumos. Os novos investimentos levam ao *boom* na atividade em questão e em outras secundárias. O ponto salientado por Schumpeter é que esses investimentos ocorrem de forma descontínua, em grupos ou bandos, dando dinamismo à expansão. Esse é um aspecto importante, pois, para Schumpeter, se as inovações surgissem aleatoriamente, com os investimentos distribuindo-se de maneira uniforme no tempo, isso não se tornaria algo merecedor de maiores atenções. Ao contrário, esses movimentos ocorrem com determinada periodicidade, embora o seu tempo de duração dependa de vários fatores¹⁰. A interrupção na continuidade da expansão se deve à eliminação dos lucros extraordinários pela queda nos preços, devido ao aumento da oferta.

O outro movimento deriva de adaptações que são feitas pelos agentes, oriundas de mudanças causadas pelas inovações. A introdução de uma novidade de produtos ou processos vem alterar as condições competitivas daqueles empreendimentos já estabelecidos. As inovações, ao se colocarem como alternativas a produtos e processos antigos, fazem com que esses últimos percam espaço no mercado, sucateando capacidade instalada e destruindo postos de trabalho, espalhando-se para outros setores relacionados e àqueles mais distantes atingidos pelo efeito-renda negativo. Predomina, nessa situação, um clima de incerteza nos negócios. Na ótica de Schumpeter, o processo de concorrência apresenta ganhadores e perdedores, não é um jogo de ganha-ganha. É uma situação em que o sistema deve se ajustar às inovações, gerando depressões na economia.

10 Kondratieff (1935) identificou ondas longas de desenvolvimento cuja duração se manteria aproximadamente entre 47 a 60 anos.

Após identificar a forma como o desenvolvimento econômico se manifesta sob o capitalismo, Schumpeter debruça-se sobre os rumos que tomará a continuidade dessa evolução. Essa avaliação vai aparecer, então, em *Capitalismo, Socialismo e Democracia*.

2 Schumpeter e Marx sobre o destino do capitalismo

No estudo que faz da evolução do capitalismo em seu livro *Capitalismo, Socialismo e Democracia*, Schumpeter estabelece inicialmente um diálogo com Marx e procura desenvolver a sua visão particular sobre a questão. Os quatro primeiros capítulos de CSD trazem em seus títulos referências explícitas a Marx. Schumpeter concordava com aquele pensador alemão de que o destino do capitalismo caminhava em direção ao socialismo. Mas o móvel para tal não residia, segundo Schumpeter, naqueles motivos estabelecidos por Marx. Nesses quatro primeiros capítulos, Schumpeter mostra suas discordâncias em relação a alguns aspectos da análise marxista, incluindo aí a teoria do valor. Aceita, contudo, muitos dos argumentos de Marx, principalmente o seu método dialético de análise¹¹. Por exemplo, o desenvolvimento da grande empresa e a formação de posições de monopólio que aparecem em CSD podem perfeitamente caber na idéia da lei de tendência à concentração e à centralização do capital de Marx. Schumpeter, como pensador sério, não discriminava autores por suas idéias, estudando apenas aqueles com quem partilhasse afinidades ideológicas. A sua aceitação ou rejeição de análises realizadas por outros estudiosos se dava na justa medida em que apresentassem adesão à realidade¹².

Marx, no famoso prefácio à *Contribuição para a Crítica da Economia Política* de 1859, em que apresenta os elementos de seu método materialista histórico, desenvolve a análise de que, em determinada época da existência social, o desenvolvimento das forças produtivas entra em contradição com as relações de produção que lhes dão fundamento. No capitalismo, a produção coletiva defronta-se com a apropriação privada dos frutos dessa produção: a instituição da propriedade privada entra em conflito com as forças produtivas socializadas. No plano político, a luta

11 James Tobin – prêmio Nobel de Economia de 1981 – que foi aluno e orientando pós-graduado de Schumpeter em Harvard, ao prefaciar o livro de Edward Marx sobre Schumpeter, relata que, na sua opinião, Schumpeter ambicionava desenvolver uma teoria da história cuja amplitude e profundidade fosse semelhante àquela de Marx e – da mesma maneira que esse último fez com Hegel – colocasse o marxismo de ‘cabeça para baixo’ (Tobin, 1991).

12 Schumpeter não se julgava marxista. Nem por isso deixava de nutrir admiração intelectual por Marx, considerado por ele um economista de primeira linha.

de classes – motor da história – é a manifestação da oposição entre salários e lucros da esfera econômica. O acirramento dessa contradição emperra o avanço econômico, constituindo-se uma época de convulsões sociais, até que uma nova classe – portadora do progresso – assuma a hegemonia na sociedade (Marx, 1859).

Schumpeter não compartilhava dessa interpretação que Marx faz do desenvolvimento do capitalismo. Para ele, o rumo do sistema em direção ao socialismo se deveria às virtudes que o capitalismo apresenta, não às suas contradições. Não há na estrutura econômica dessa forma de organização social nada que impeça o aumento da produção. Schumpeter não acredita em uma desaceleração dos investimentos devido a uma pretensa queda na taxa de lucro. Em capítulo sobre o desempenho do sistema no CSD¹³, mostra que o processo capitalista eleva o nível de bem-estar da população, estimando à época que a renda *per capita* americana poderia dobrar no período de 1928-1978, mantido o desempenho apresentado pela economia.

Em seu muito citado capítulo sobre a **destruição criadora**, Schumpeter também refuta aquela crítica feita com base na visão idílica da concorrência perfeita, defendida pela teoria neoclássica, de que a grande empresa e as formas monopólicas de mercado não favorecem o desempenho da produção. Schumpeter questiona mesmo a própria existência de tal estrutura de mercado, duvidando de que ela sequer tenha existido na realidade. Entretanto, mesmo que se considerasse que a sua existência tenha ocorrido naquele período que antecede a formação da grande empresa – por volta de 1890 –, a situação não lhe seria favorável diante dos avanços observados na economia em período posterior, quando, então, a presença da escala de grande porte na produção manufatureira torna-se dominante. Ora, esse tipo de interpretação, critica Schumpeter, deriva de emprego de análise estática, mas o capitalismo, continua ele, é um método de mudança econômica e não é, nem poder ser, estacionário. Quando se olha a economia com uma visão estática e se vê uma única empresa no mercado, se associam os lucros extraordinários que possa estar obtendo ao exercício do poder monopolístico que desfruta, à custa dos consumidores. Se olharmos, porém, dinamicamente, essa colocação única de mercado pode se dever à introdução de algo novo na atividade econômica e, portanto, é uma posição passageira. Os lucros maiores que lhe são devidos provêm de inovações, cujos ganhos desaparecem com o ingresso de novos competidores. A questão não é como o sistema

13 Trata-se do capítulo V: Taxa de Crescimento do Produto Total (Schumpeter, 1942).

administra ditas estruturas, mas como ele as cria e as destrói (Schumpeter, 1942, p. 112)¹⁴.

No capítulo VIII de CSD, intitulado ‘Práticas Monopolistas’, Schumpeter é mais detalhado em sua crítica à teoria neoclássica de que mercados imperfeitos são relativamente ineficientes quando confrontados com a concorrência perfeita.

A teoria do monopólio simples e discriminador ensina que, excetuando-se um caso limite, o preço de monopólio é mais alto e a produção de monopólio é menor do que o preço e a produção em concorrência. Isso é verdade, desde que o método e a organização da produção – e tudo o mais – sejam exatamente os mesmos em ambos os casos. Na realidade, entretanto, existem métodos superiores disponíveis ao monopolista que, ou não são de maneira alguma acessíveis a uma multidão de concorrentes, ou não lhe são prontamente acessíveis; pois há vantagens da empresa que, embora não estritamente inatingíveis competitivamente, são, na verdade, asseguradas apenas pelo monopólio. Em outras palavras, esse elemento da defesa da concorrência pode falhar completamente porque os preços de monopólio não são necessariamente mais altos ou as produções de monopólio, necessariamente mais baixas do que seriam os preços e a produção competitivos na eficiência organizacional e produtiva ao alcance da firma compatível com a hipótese competitiva (Schumpeter, 1942, p. 134).

O que, então, levaria, para Schumpeter, ao ocaso do capitalismo? Segundo Schumpeter, as causas não seriam encontradas na dimensão econômica do sistema. Nesse quesito, a performance do capitalismo seria satisfatória. O seu desaparecimento estaria associado a fatores encontrados em outras esferas da sociedade: em âmbito sociocultural.

Tom Bottomore, em seu prefácio à edição inglesa ao livro CSD de 1976, mantido na tradução brasileira da obra, identifica em Schumpeter a existência de três processos que acabam minando as bases sob as quais se assenta o capitalismo. Uma delas atua sobre o cerne da dinâmica do sistema, representada na figura do empresário inovador, cuja existência é solapada à me-

14 O conceito de destruição criadora de Schumpeter guarda enorme semelhança com aquela passagem não menos citada de Marx e Engels do *Manifesto Comunista*: “A burguesia (...) realizou maravilhas superiores às pirâmides egípcias, aos aquedutos romanos e às catedrais góticas. Levou a cabo expedições maiores que as grandes invasões e as Cruzadas. A burguesia não pode existir sem revolucionar permanentemente os instrumentos de produção; portanto, as relações de produção, e assim, o conjunto das relações sociais(...) Todas as relações imutáveis e esclerosadas, com o seu cortejo de representações e de concepções vetustas e veneráveis dissolvem-se; as recém-constituídas corrompem-se antes de tomarem consistência. Tudo o que era estável e sólido desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados a encarar com olhos desiludidos seu lugar no mundo e suas relações recíprocas.” (Marx e Engels, 1848, p. 28-9).

didada que a economia evolui. A grande empresa, ao burocratizar a atividade de inovação, tornando-a uma tarefa rotineira internalizada em seu departamento de P&D, substituiu aquele ímpeto individual do empresário na busca do novo – que rompe com o *status quo* – pelas ações rotineiras de equipes de especialistas alocadas especialmente a esse *mister*. A grande empresa automatizada e burocratizada ao mesmo tempo que expropria pequenos proprietários, leva a burguesia a perder sua função na sociedade, ao facilitar a socialização da produção. O socialismo é alcançado, assim, não pela luta de classes, mas pela ação do empresário inovador.

Os verdadeiros construtores do socialismo não são os intelectuais e agitadores que o defendem, mas os Vanderbilt, os Carnegie e os Rockefeller. Esse resultado pode não agradar, em todos os aspectos, aos socialistas marxistas, menos ainda aos socialistas de tipo popular (mais vulgar, diria Marx). Mas, no que diz respeito ao prognóstico, não difere do deles (Schumpeter, 1942, p. 176).

Em segundo lugar, a dinâmica do processo concorrencial é conducente à constituição de grandes unidades produtivas e à eliminação de pequenas empresas. A saída do circuito econômico de pequenos proprietários, negociantes, agricultores e outros – muitos deles oriundos de formas pretéritas de produção – aniquila aquela camada social que dá sustentação política ao sistema e que defende a propriedade individual contra uma forma mais impessoal de propriedade dos meios de produção.

O terceiro elemento a trabalhar contra a permanência do capitalismo é a formação de uma camada de intelectuais hostis a essa forma de organização social que, mediante posições que ocupam na sociedade, difundem idéias que criam uma atmosfera de rancor social contra o sistema¹⁵.

A avaliação de Schumpeter de que o capitalismo não sobreviveria, não era devida a algum tipo de desejo ou fé¹⁶. Schumpeter fazia questão de deixar claro que, em suas análises, raciocinava como economista, não com valores políticos¹⁷. Contudo, os prognósticos, como qualquer prognóstico de acordo com Schumpeter, são sujeitos a muitas determinações da vida social, várias delas de difícil mensuração. Esse é um exercício de futuro e, como tal, incerto. O que a análise econô-

15 Contudo, não fica claro quais seriam o contexto e a dimensão assumida por essas contestações para que surtam os efeitos desejados. Tobin (1991) menciona que radicais dos anos de 1970, com o passar do tempo, se tornaram *yuppies*.

16 “Quando um médico prevê que seu paciente vai morrer, isso não significa que ele o deseje” (Schumpeter, 1942, p. 88).

17 Isso, como se viu na Introdução deste texto, não significou que Schumpeter se eximisse de ter uma atuação pública. Vide também Tsuru (1993).

mica nos ajuda, acrescenta Schumpeter, é antever o que aconteceria se as tendências que hoje observamos se mantivessem no tempo futuro¹⁸.

3 O legado de Schumpeter

Os anos seguintes à morte de Schumpeter pareciam indicar que ele seria apenas mais um economista brilhante, mas que não faria escola nem deixaria herdeiros. Alguns meses após o seu falecimento, saiu, no *Quarterly Journal of Economics*, um artigo biográfico escrito por Haberler (1950), já referido, no qual é retratada a trajetória profissional daquele pensador. Nele o autor encerra o texto com a seção VII, cujo título é posto sob a forma de pergunta: “Por que não há uma ‘escola schumpeteriana’?”¹⁹. Haberler aventou vários motivos externos à profissão, como, por exemplo, o fato de Schumpeter ter nascido em um local menos afortunado do que o seu contemporâneo Keynes²⁰. Entretanto, descartou esses tipos de causas e os transferiu para a própria estrutura do trabalho e o modo de pensar de Schumpeter, considerados demasiadamente abertos e complexos, contrastando com a forma simplificada e prática da obra de Keynes. Além disso, em vida, Schumpeter abertamente defendia a não-existência de ‘escolas’ em Economia, o que irritava muita gente, embora, de acordo com Haberler, ele não fosse indiferente ao sucesso e à popularidade.

Em data mais recente, Tobin (1991) também mencionou a existência, à época em que Schumpeter se encontrava em Harvard, de certa resistência de economistas americanos em relação ao uso de seu aparato analítico. Para ele, Schumpeter tinha muito mais admiradores do que seguidores. Os motivos arrolados por Tobin para a rejeição, porém, são diferentes daqueles de Haberler. Na sua opinião, os escritos de Schumpeter coincidiram com o início – décadas de 1930 e 1940 – da difusão da prática de modelagem quantitativa de fenômenos econômicos e que, naquele tempo, ainda não se dispunha de suficiente conhecimento instrumental que fosse aplicado àquela estrutura teórica elaborada por Schumpeter.²¹ Releva mencionar ainda que, a par da pretensa animosidade intelectual de Schumpeter para com

18 Schumpeter, obviamente, não estabeleceu uma data para o fim do capitalismo. As alegações de ‘fim da história’, com o fracasso da experiência soviética de socialismo, devem ser consideradas como hipótese e não como axioma.

19 No original, *Why Is There No “Schumpeter School”?*

20 O império austro-húngaro estava em decadência.

21 Em anos recentes, têm sido feitas tentativas de modelar uma teoria schumpeteriana de crescimento econômico, embora, segundo Alcouffe e Kuhn (2004), alguns desses modelos falhem nesse projeto por apresentarem ainda hipóteses de cunho neoclássico.

Keynes,²² não há dúvida de que a sua obra se viu ofuscada pela publicação da *Teoria Geral* em 1936.²³

Haberler identifica importantes contribuições de Schumpeter não só no campo da economia, mas igualmente na sociologia e na filosofia política. Isso não se deve a que Schumpeter se interessasse por distintas disciplinas. O seu método de análise assim o exigia. Para Schumpeter, um profissional se qualificaria como economista se dominasse, além de teoria econômica, conhecimentos de outros ramos do saber, particularmente os instrumentos estatístico-matemáticos e história econômica (Samuelson, 2003).²⁴ Além de análise de caráter dinâmico, Schumpeter privilegia as dimensões micro e mesoeconômica, mais do que os agregados macroeconômicos, por exemplo, do tipo propensão média ao consumo. Quanto a isso, segundo Haberler, Schumpeter mantinha certa cautela e ponderava: *beware of averages* (cuidado com as médias).

Vista em perspectiva histórica, aquela avaliação sobre o não-enraizamento das idéias de Schumpeter entre os praticantes da ciência econômica não se mostrou correta. A partir do início da década de 1980, cresce o interesse pelas idéias de Schumpeter e uma das obras marcantes nessa direção é *An Evolutionary Theory of Economic Change* de Richard R. Nelson e Sidney Winter, publicada em 1982, constituindo-se em um marco no pensamento do que viria ser a **corrente neo-schumpeteriana** ou **evolucionária**. Novas categorias de análise têm sido incorporadas à bagagem teórica do economista. O conceito de rotina como norma de comportamento, o processo de busca de inovações como diferencial competitivo, o mercado como mecanismo de seleção e o papel das instituições e da história vêm lançar novas luzes sobre a dinâmica capitalista. Gradativamente, vários economistas e cientistas sociais têm se juntado à agenda de pesquisa estabelecida por essa abordagem de pensamento econômico (Tigre, 2005).²⁵ A adesão a esse grupo tem sido crescente e um dos discípulos mais fiéis a Schumpeter –

22 Convém lembrar que o próprio Schumpeter escreveu um artigo biográfico sobre Keynes, contendo inúmeras referências elogiosas, o que atesta o seu reconhecimento intelectual ao economista britânico (Schumpeter, 1946).

23 De acordo com Tsuru (1993), o *Business Cycles*, publicado em 1939, foi escrito em uma atmosfera dominada pela influência da *Teoria Geral*. A limitada repercussão desse seu livro deixou mágoas em Schumpeter.

24 De lá para cá, houve uma perda de importância relativa de disciplinas da área de ciências sociais para praticantes da profissão. Em certos círculos de economistas, o conhecimento de sociologia, de história, enfim de humanidades, é considerado secundário e, às vezes, visto até com um certo desdém, pois o que interessa são os 'fundamentos'. Nessa visão, o *homo economicus* atua em um tipo de vazio social, sem receber influências de instituições e de relações que se estabelecem na vida em sociedade, sendo o seu comportamento determinado unicamente pelo cálculo de ganhos e perdas. Assim, soa 'natural' que, para ser economista, como complemento suficiente, basta saber matemática.

25 Em Dosi et al. (1988), há uma lista de trabalhos com essa perspectiva.

Wolfgang Stolper, que o acompanhou da Europa aos Estados Unidos – fundou e foi presidente da *Schumpeter Society*, a qual edita ainda o *Journal of Evolutionary Economics* (Heertje, 1996).

O brilhantismo de Joseph Schumpeter não está apenas em ser um pensador original e criativo, mas por manter suas idéias atuais, com conteúdo universal e, voltando ao prefácio de Tom Bottomore, por ter sido um dos poucos economistas a se aventurar a fazer uma análise da transição social sob o capitalismo.

Referências bibliográficas

ALCOUFFE, Alain; KUHN, Thomas (2004). Schumpeterian endogenous growth theory and evolutionary economics. *Journal of Evolutionary Economics*, 14: 223-36.

BECKER, Markus C.; KNUDSEN, Thorbjørn (2002). Schumpeter 1911: farsighted visions on economic development. *American Journal of Economics and Sociology*, v. 61, n. 2, p. 387-403, April.

DOSI, Giovanni et al. (ed.) (1988). *Technical Change and Economic Theory*. London/New York: Pinter Publishers.

GIERSCH, Herbert (1984). The Age of Schumpeter. *American Economic Review* (Papers and Proceedings), v. 74, n. 2, p. 103-9, May.

HABERLER, Gottfried (1950). Joseph Alois Schumpeter: 1883-1950. *Quarterly Journal of Economics*, v. LXIV, n. 3, p. 333-372, August.

HEERTJE, Arnold (1996). Stolper on Schumpeter. *Journal of Evolutionary Economics*, 6: 339-45.

KONDRATIEFF, N. D. (1935). The Long Waves in Economic Life. *The Review of Economic Statistics*, v. XVII, n. 6, p. 105-15, November

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (1848). *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

MARX, Karl (1859). *Contribuição para a Crítica da Economia Política*. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

PEUKERT, Helge (2002) Schumpeter's 'lost' seventh chapter: a critical overview. *Industry and Innovation*, v. 9, n. 1/2, p. 79-89, April-August.

SAMUELSON, Paul A. (2003). Reflections on the Schumpeter I knew well. *Journal of Evolutionary Economics*, 13: 463-7.

SCHUMPETER, Joseph A. (1911). *A Teoria do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SCHUMPETER, Joseph A. (1942). *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

SCHUMPETER, Joseph A. (1946). John Maynard Keynes: 1883-1946. *American Economic Review*, v. XXXVI, n. 4, p. 495-518, September.

STOLPER, W. F. (1991). The theoretical bases of economic policy: the Schumpeterian perspective. *Journal of Evolutionary Economics*, 1:189-200.

SYLOS-LABINI, Paolo (1983-84). Factors affecting changes in productivity. *Journal of Post Keynesian Economics*, v. VI, n. 2, Winter, p. 161-79.

TIGRE, Paulo Bastos (2005). Destruição criadora: Schumpeter e o papel da tecnologia no desenvolvimento econômico. *IHU On-Line*. São Leopoldo, ano 4, n. 155, p. 60-2, 12 set.

TOBIN, James (1991). Preface to SCHUMPETER by Edward Marz. English Translation. Yale University Press. *Cowles Foundation Discussion Paper 995*, p. 1-8.

TSURU, Shigetu (1993). Two studies of Schumpeter's life: a review essay. *Journal of Evolutionary Economics*, 3:263-8.

**Artigo enviado ao IHU em
11 de novembro de 2005.**

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDÉIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel.
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert.
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss.
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montaña.
- N. 04 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer.
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch.
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro.
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp.
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte.
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos.
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo.
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi.
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi.
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert.
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt.
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel.
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krischke Leitão.
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri.
- N. 18 *Um inítenário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida.
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo.
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior.
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli.
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio.
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rodhen.
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini.

- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário.
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS. Rosa Maria Serra Bavaresco.
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco.
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes.
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof^o MS. José Fernando Dresch Kronbauer.
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva.
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz.
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay - Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf.
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha.
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana.
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos.
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut.
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho.
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum

Cadernos IHU Idéias: Apresenta artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.



Achyles Barcelos da Costa (1946), natural de Porto Alegre/RS, é professor titular aposentado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor titular na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). É graduado (1971) e mestre em Economia (1976) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 1993, concluiu o Doutorado em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com a tese *Modernização e Competitividade da Indústria de Calçados Brasileira*.

Algumas publicações do autor

Concorrência, comportamento estratégico e desempenho competitivo. *Análise Econômica*. Porto Alegre, UFRGS, v. 23, n. 43, p. 43-62, 2005.

COSTA, Achyles Barcelos da; PASSOS, Maria Cristina (org.). *A indústria calçadista no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

Inovações e mudanças na organização industrial. *Revista Ensaios FEE*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 7-31, 2000.

Reestruturação produtiva e padrão de organização industrial. In: BECKER, Dinizar F. (org.). *Competitividade: o (des)caminho da globalização*. Lajeado: FATES, 1998.

Uma nota introdutória ao artigo: A teoria dos preços e o comportamento empresarial, de R. L. Hall e C.J. Hitch. In: IPEA/INPES (Org.). *Clássicos de Literatura Econômica*. 2. ed. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1992.